

**DESTAQUES
DO PORTAL
A TARDE**



Frazer Harrison / AFP Photo

Após post em rede social, baiano Wagner Moura processa o MBL
michelteles.atarde.com.br

Faixa de ônibus da Av. Paulo VI será recapeada
atarde.com.br/bahia

www.atarde.com.br
71 3340-8991
(Cidadão Repórter)
71 99601-0020
(WhatsApp)

EDITORIAL *Estupidez virtual*

Assim como a internet serviu para revolucionar as formas de comunicação no mundo, ampliando de forma imensurável as possibilidades de divulgação do conhecimento, da circulação de ideias e propostas que têm servido para acelerar o desenvolvimento da civilização humana, também, infelizmente, tem se tornado, especialmente por meio das redes sociais, um vasto campo para a disseminação de algumas das piores coisas dos seres humanos, como o ódio, as mentiras e os preconceitos.

As empresas que administram redes sociais, após intensa pressão de vários segmentos em todo o mundo, passaram a

adotar medidas visando reduzir o espaço para os desequilibrados que usam o espaço virtual para a agressão ou a mentira. Como resultado disso, o Facebook informou ter retirado do ar, no primeiro

A internet tem se tornado um vasto campo para a disseminação das piores coisas dos seres humanos

semestre deste ano, 2,5 milhões de publicações identificadas como contendo discurso de ódio. Também foram excluídos 3,5 milhões de conteúdos violentos, sempre seguindo avaliações baseadas em diretrizes estabelecidas pela companhia.

Um estudo recém-concluído mostra que, neste universo de ódio e violência, o principal alvo de comentários depreciativos nas redes sociais é constituído pelas mulheres negras. Os dados estão na tese de doutorado defendida na Universidade de Southampton (Inglaterra), pelo pesquisador brasileiro e PhD em sociologia Luiz Valério Trindade. Ele analisou mais de 109 páginas de Facebook e 16 mil perfis

de usuários.

Ao centrar a pesquisa num universo específico, da mulher negra, o estudo deixa à mostra algumas das faces mais deproráveis do mundo “civilizado”, pois revela em sua inteireza dois lados da estupidez humana: o machismo e o racismo. Ambos são comportamentos que só podem ser entendidos como resultado da mais absoluta ignorância e desprezo pela racionalidade, uma vez que nos dois casos não existe nenhuma explicação racional ou científica para sustentá-los.

Resta saber até quando tais absurdos ainda farão parte da história da humanidade.

JAGUAR

**○ FILHO QUE ESQUECEU
○ DIA DOS PAIS**



Qualquer uso é melhor que o abandono

Paulo Ormino de Azevedo

Arquiteto, professor titular da Ufba
pauloormindo@gmail.com

Aprendi esta máxima quando fazia doutorado em preservação na Itália. O Comércio, outrora setor bancário e de exportadores, está em depressão, com edifícios vazios e donos de salas procurando quem queira pagar o condomínio e o IPTU. São edifícios relativamente novos, das décadas de 1950 e 1960. Será apenas omissão dos proprietários, que devem ser criminalizados, ou de políticas equivocadas, como mudar o centro administrativo e empresarial da cidade? É como responsabilizar o doente, quando o problema é a falta de saneamento público. Este esvaziamento atinge também o Centro Histórico. Ali já foram investidos 175 milhões de dólares, desde 1970, em projetos “achistas”. A criação de um shopping a céu aberto em 1992, com

a expulsão de duas mil famílias, foi um desastre. A área tinha 11.093 habitantes em 1991 e em 2010 baixou para 5.985. Cerca de 1.400 imóveis estão hoje em ruínas ou periclitantes, segundo a Defesa Civil.

Por que isto ocorre? Desde o final da década de 1970, com o Plandurb, a cidade não conhece planejamento público. Ninguém avalia o impacto de 140 mil veículos/dia da ponte SSA-ITA cruzando Salvador em direção ao litoral norte, nem a transferência das estações rodoviária e ferroviária para o limite com Simões Filho e do Centro de Convenções para a fronteira de Lauro de Freitas. Quem ganha e quem perde? Ganha o setor imobiliário, que incorporará as áreas da Rodoviária, Detran, Desenharia para construção de seus espigões no nó-cego de três rodovias – BR-324, Paralela e BRT – sem espaços públicos e verde. Quem perde é a cidade, cada vez mais feia e engarrafada, com serviços espalhados, como o judiciário, e sem identidade.

Não faltam projetos, senão planejamen-

to. A construção do VLT, que virou monotrilha chinês, articulará o Comércio ao subúrbio ferroviário, não à cidade. São louváveis as iniciativas da administração municipal passada, de facilitar a instalação de universidades no Comércio, e da atual de situar ali suas secretarias. Mas isto só não basta. Monumentos públicos como o Jandaia, Asilo D. Pedro II e Solar Boa Vista estão abandonados há anos. Em qualquer país civilizado não faltaria instituição ou empresa que não quisesse comprar e restaurar monumentos como esses. Recentemente foi a leilão um quarteirão requalificado do Centro Histórico, o Solar Saldanha. Não houve interesse de ninguém.

Num voo de Brasília para Salvador encontrei Jorge Hereda, então presidente da CEF. Ele me disse que gostaria de instalar em Salvador um centro cultural maior do que o da Av. Carlos Gomes. Sugeri o Liceu e ele argumentou: mas ele está ocupado por serviços burocráticos do Estado. O abandono dos nossos monumentos mostra o desprezo da nossa sociedade pela história e pela cultura.

Ao me tornar pai, já imaginava que minha vida ia passar por transformações, mas jamais da forma como aconteceram. Aos 9 anos, meu filho foi diagnosticado com câncer. Travamos uma batalha que felizmente foi vencida e, a partir daí, uma nova força foi gerada. Durante o tratamento do meu filho, tive acesso ao drama de várias outras crianças que passavam por situação semelhante, mas nem sempre com final feliz. A dificuldade existia principalmente entre as famílias carentes vindas do interior, que não tinham estrutura na capital baiana e acabavam por não dar continuidade ao tratamento.

Mobilizado por essa realidade, eu e outras pessoas envolvidas nesta luta – pais e médicos – fundamos o Grupo de Apoio à Criança com Câncer (Gacc-BA), em 1988. Naquela época, todos os desafios encontrados para fazer com que o Gacc iniciasse sua missão foram motivadores para que eu me envolvesse com a filantropia. Era necessário articular parcerias e transitar por diversos setores. As necessidades incluíam a ampliação do atendimento hospitalar na capital baiana e as próprias demandas da instituição, como uma cozinha industrial e móveis. O nosso objetivo sempre foi o de contar com uma casa feita especialmente para receber os pacientes do interior e seus responsáveis, um local onde eles tivessem todo o acolhimento e auxílio necessário para evitar interrupções no tratamento e assim aumentassem as chances de cura.

Desde então, minha relação com a filantropia só aumentou. Em 2002, iniciei minha trajetória de forma voluntária na Santa Casa da Bahia, instituição secular voltada a servir a sociedade baiana. Primeiramente, atuei como membro da irmandade, depois como tesoureiro e mordomo de saúde, até ser eleito como provedor, em 2014. Desse período, gostaria de destacar a inauguração da Central de Doações da Santa Casa, com toda estrutura para arrecadação de recursos voltados para as atividades sociais da instituição, além do programa de capacitação e incentivo ao voluntariado, parte essencial na transformação promovida pelas organizações do terceiro setor na sociedade.

Mesmo com todo o empenho, não me afastei das atividades profissionais na área de formação – a economia, para a geração e manutenção da renda familiar. Como dito, jamais imaginei que a paternidade pudesse me levar para caminhos tão valiosos e transformadores. Toda essa trajetória na filantropia aconteceu naturalmente, como geralmente é marcado o início das entidades, que nascem pelo desejo de prestar um serviço social. Entretanto, é preciso mais que o desejo de contribuir para a sociedade. É necessário profissionalismo na gestão para perpetuar o trabalho e gerir as atividades e recursos. Mantenha as instituições saudáveis, tal como um filho.